



## **Jornalismo Literário, correspondentes de guerra e Estudos de Gênero: a cobertura de Oriana Fallaci sobre o Vietnã para a revista *Realidade***

**Monica Martinez<sup>1</sup>**  
**Bruna Emy Camargo<sup>2</sup>**

Universidade de Sorocaba

**Resumo:** Esta pesquisa objetiva identificar a existência de elementos de Jornalismo Literário nas reportagens da revista *Realidade* produzidas pela repórter italiana Oriana Fallaci no Vietnã. Com a análise de conteúdo de Bardin (2011), buscaremos o Jornalismo Literário (BAK, 2017; LIMA, 2009; MARTINEZ, 2016) e a perspectiva de gênero como categoria de análise histórica (SCOTT, 2019) na cobertura de guerra (BAK, 2016; KNIGHTLEY, 1978; SCHELP, 2016) feita por uma mulher no mesmo veículo que ficou conhecido pelo “repórter do século”, José Hamilton Ribeiro. Verificamos a existência de três características de Jornalismo Literário nos textos de Fallaci: a) apuração, b) digestão e compreensão do material apurado e c) redação em estilo literário. Assim, entendemos a importância em aprofundar os estudos nessa mulher correspondente de guerra e conflitos, sobre quem pouco se fala no Brasil.

**Palavras-chave:** Jornalismo Literário; cobertura de guerra; Estudos de Gênero; análise de conteúdo; revista *Realidade*.

### **1. Introdução**

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso) e líder do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (Nami/Uniso/CNPq). E-mail: [monica.martinez@prof.uniso.br](mailto:monica.martinez@prof.uniso.br)

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação e Cultura no PPGCC-Uniso. Integrante dos grupos de pesquisa em Narrativas Midiáticas (Nami/Uniso/CNPq) e Alteridade, Subjetividades, Estudos de Gênero e Performances nas Comunicações e Artes (AlterGen/ECA-USP/CNPq). E-mail: [brunaemy@globo.com](mailto:brunaemy@globo.com)

Esta pesquisa integra um projeto com bolsa integral Prosuc/Capes em nível de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso), no qual há interesse por Jornalismo Literário (BAK, 2017; LIMA, 2009; MARTINEZ, 2016), Cobertura de Guerra e Conflitos (BAK, 2016; KNIGHTLEY, 1978; SCHELP, 2016) e Estudos de Gênero (SCOTT, 2019). Neste trabalho, temos como objetivo identificar a existência de elementos de Jornalismo Literário nas reportagens da revista *Realidade* produzidas pela repórter italiana Oriana Fallaci (1929-2006) no Vietnã. Entendemos a importância em destacar coberturas de guerra realizadas por mulheres, uma vez que a guerra ainda é vista como um espaço masculino mesmo que elas estejam presentes (COOK, 2006; LOMBARDI, 2018).

Primeiramente apresentaremos uma breve história da jornalista Oriana Fallaci para então conceituarmos o Jornalismo Literário e a cobertura de guerra. Em seguida, apresentaremos a metodologia utilizada neste trabalho, a análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Segue-se a análise de seis reportagens da *Realidade*, com base em três categorias pré-elaboradas: a) apuração, b) digestão e compreensão do material apurado e c) redação em estilo literário (MARTINEZ, 2016). Por fim, as considerações, entendendo Fallaci como uma correspondente de guerra e conflitos que se apoia no Jornalismo Literário em todos os seus elementos para cobrir a Guerra do Vietnã.

## **2. Oriana Fallaci e o Jornalismo Literário na cobertura de guerra**

Oriana Fallaci (1929-2006) é considerada a mais extraordinária jornalista italiana (POPHAM, 2019), uma combinação de Christiane Amanpour e Joan Didion pelas entrevistas nas quais confrontava figuras famosas (GARNER, 2017), uma provocadora (OYAMA, 2012), uma profissional polêmica e controversa (NUNES, 2006) que ganhou fama mundial. Em décadas de atividade, esteve em diversas guerras e conflitos, escreveu sobre a nascente Hollywood e a corrida espacial e realizou o sonho de ser escritora.

A jornalista nasceu em Florença em 29 de junho de 1929, cerca de quatro meses antes do *crash* da bolsa que lançaria o mundo numa crise que ficou conhecida como Grande Depressão. Filha de uma mãe que não queria engravidar e de um pai que esperava um filho homem – o que definiu sua personalidade, pois Tosca Fallaci queria que a

jovem estudasse e desbravasse o mundo ao invés de virar esposa e mãe e Edoardo Falaci a fez um soldado na resistência em meio ao fascismo italiano (DE STEFANO, 2017). Nomeada por inspiração da personagem Oriane, Duquesa de Guermantes<sup>3</sup>, Oriane então cresceu apaixonada por livros e valorizando a coragem.

Após abandonar a faculdade de Medicina, a italiana conseguiu um emprego no *Il Matino*, um jornal de tendências cristã-democráticas, e começou a estudar Jornalismo, pois acreditava que só poderia ser escritora quando mais velha e mais rica. Rapidamente ela ganhou destaque na redação:

Ela é jovem, mas muito firme. Ela entende que para ter sucesso na área dominada por homens, ela deve provar ser a melhor. Ela reescreve cada artigo dezenas de vezes, obsessivamente refinando sua prosa. Ela estuda cada tópico em profundidade. Ela lê os grandes escritores, esperando aprender da elegância de seus estilos. [...] Quando repórteres veteranos a tratam com benevolência divertida, ela perde a calma. Ela quer ser levada a sério (DE STEFANO, 2017, l. 512-520; tradução nossa<sup>4</sup>).

Oriane trabalha todos os dias e escreve sobre vários tópicos, o que a direciona para uma vaga na revista *L'Europeo*, conhecida pelos colaboradores de prestígio. Na década de 1950, a jornalista escrevia para as páginas de entretenimento e sociedade, mesmo que quisesse falar sobre política. Mas, segundo De Stefano (2017, l. 592), “ela é jovem e uma mulher, então vai onde lhe pedem” e dizia sentir-se o equivalente a um homem negro na Casa Branca.

A noção de ser mulher era muito presente na vida de Oriane. De Stefano (2017) conta que ela ouvia que sua escrita era boa como a de um homem. O contraponto positivo era que ela sabia que sua aparência física abria portas para que ela usasse a inteligência como uma espada para questionar interlocutores. Ainda, ela tinha consciência de estar abrindo caminho para outras mulheres na Itália: “Eu era cheia de curiosidade, ávida para ver o mundo, e pude fazer isso por causa do jornalismo. Cresci em uma socie-

---

<sup>3</sup> Oriane, Duquesa de Guermantes, é uma personagem do livro “Em Busca do Tempo Perdido” (1913), de Marcel Proust, “uma das obras mais importantes – e menos lidas – da literatura mundial” por conta de seus sete volumes (MEIRELLES, 2013).

<sup>4</sup> Do original: “She’s young but very firm. She understands that in order to succeed in a field dominated by men, she must prove herself to be the best. She rewrites every article dozens of times, obsessively refining her prose. She studies each topic in depth. She reads the great writers, hoping to learn from the elegance of their style. [...] When veteran reporters treat her with amused benevolence, she loses her temper. She wants to be taken seriously” (DE STEFANO, 2017, l. 512-520).

dade que oprimia e maltratava mulheres; por causa do jornalismo pude viver como um homem” (DE STEFANO, 2017, l. 598-600; tradução nossa<sup>5</sup>).

Ela queria viajar e aceitava qualquer pauta fora de Milão, onde estava baseada pelo *L'Europeo*. Seu primeiro conflito foi a Revolução na Hungria (1956), na qual seu tom de escrita mudou. “Ela não está lá para entreter com suas habilidades narrativas. Ela se torna uma testemunha, uma soldado, lutando nas linhas de frente por liberdade e justiça, os dois ideais que a marcam desde a infância” (DE STEFANO, 2017, l. 703-705; tradução nossa<sup>6</sup>). Nascia a Oriana correspondente de guerra.

A cobertura de guerra e conflitos existe em simultaneidade às guerras e aos conflitos, pois, segundo Bak (2016, p. ix; tradução nossa<sup>7</sup>), “a única coisa que a humanidade parece valorizar mais do que tirar a vida é o registro dessa morte em tinta”. Entretanto, Knightley (1978) considera que esse tipo de correspondência jornalística só começou oficialmente no século XIX, quando o *The Times* londrino enviou William Howard Russell para cobrir a Guerra da Crimeia (1853-1856).

A partir de então, veículos do mundo todo passaram a enviar seus profissionais para despacharem textos diretamente das áreas em que a ação acontecia. Na Guerra de Secessão dos Estados Unidos, por exemplo, pelo menos 500 correspondentes acompanharam o conflito (KNIGHTLEY, 1978). No decorrer dos anos, os jornalistas no *front* precisaram lidar com a censura governamental, os obstáculos para enviar informações e os perigos de se estar em meio a exércitos (KNIGHTLEY, 1978; SCHELP, 2016).

De acordo com Bak (2017), na maioria das vezes, a guerra faz com que os jornalistas que a vivem desenvolvam produções mais literárias. “Como um bálsamo, a qualidade literária da escrita alivia a dor infligida pelos fatos jornalísticos entregues na peça ou no despacho, com o Jornalismo Literário emergindo como subproduto” (BAK, 2017, p. 246). O Jornalismo Literário “supera o caráter perecível do texto jornalístico tradicional, transcende o tempo, chega a um público diferenciado” (LIMA, 2009, p. 352). Suas

---

<sup>5</sup> Do original: “I was full of curiosity, hungry to see the world, and I was able to do this because of journalism. I had grown up in a society that oppressed and mistreated women; because of journalism I was able to live like a man” (DE STEFANO, 2017, l. 598-600).

<sup>6</sup> Do original: “She’s not there to entertain with her narrative abilities. She becomes a witness, a soldier, fighting on the front lines for freedom and justice, the two ideals that have marked her since childhood” (DE STEFANO, 2017, l. 703-705).

<sup>7</sup> Do original: “The only thing humankind seems to value more than the taking of life is the recording of that death in ink” (BAK, 2016, p. ix).

características fundamentais são a apuração, a digestão e compreensão do material apurado e a redação em estilo literário (MARTINEZ, 2016). Alguns exemplos dessa produção são o estadunidense Ernest Hemingway, na Guerra Civil Espanhola, e o brasileiro Euclides da Cunha, na Guerra de Canudos.

Embora menos citadas, mulheres também estavam cobrindo guerras. Não há um único nome como marco inicial, mas em meados do século XIX as estadunidenses Jane Cazneau e Margaret Fuller já cobriam o conflito entre México e Estados Unidos (1846) e a primeira guerra de independência italiana (1848-1849), respectivamente. A pioneira brasileira é Silvia de Bittencourt, conhecida como Majoy, que cobriu a Segunda Guerra Mundial, e, mais recentemente, há Patrícia Campos Mello, na Guerra Civil Síria (MARTINEZ, 2020).

Oriana Fallaci está nesse grupo de mulheres que realizou coberturas de guerra – como Martha Gellhorn (DAVID, 2014), Marie Colvin (CAMARGO; MARTINEZ, 2019) e Dorrit Harazim (QUIERATI, 2016). Depois da Revolução da Hungria, Oriana esteve em conflitos no México, na Índia, no Paquistão e na América do Sul – inclusive no Brasil, durante a ditadura militar (1964-1985). Nesta pesquisa, debruçamo-nos sobre a cobertura da Guerra do Vietnã, que a jornalista queria ver por ser a guerra de seu tempo (KNIGHTLEY, 1978, p. 529).

### **3. Metodologia**

Esta pesquisa percorre o caminho da análise de conteúdo proposto por Bardin (2011), especialmente na parte da formação do corpus de pesquisa e na sistematização das categorias de análise. Primeiramente, fizemos uma busca nos portais Google Acadêmico e Periódicos Capes para identificar a eventual existência de pesquisas a respeito da produção de Oriana Fallaci e, mais especificamente, sua ligação ao Jornalismo Literário na cobertura de guerra.

Em 29 de junho de 2020, foram 124 resultados no Google Acadêmico e 444 no Periódicos Capes para “Oriana Fallaci”. Quando acrescentadas as palavras-chave “guerra” e “Jornalismo Literário”, foram 15 resultados no Google Acadêmico e nenhum no

Periódicos Capes. Uma leitura flutuante sugeriu que o foco da pesquisa não recaía sob a jornalista nesses textos filtrados. Portanto, vimos a necessidade em estudar o assunto.

Como pré-análise (BARDIN, 2011), exploramos o acervo digital da revista *Realidade*, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira (HEMEROTECA, [s.d.]); 120 edições, de 1966 a 1976, constavam no site em 29 de junho de 2020, data em que a busca foi feita. De modo a refinar os resultados para cumprir com o objetivo deste trabalho, inserimos as palavras-chave “Oriana Fallaci” na caixa de pesquisa e encontramos 62 resultados, referentes a 29 reportagens da jornalista, entre as edições 1 e 118. Das 29, seis referiam-se à Guerra do Vietnã, entre 1968 e 1969, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Reportagens de Oriana Fallaci sobre a Guerra do Vietnã na *Realidade*

Ano	Edição	Título
1968	24	Vietnã
1968	25	São os bonzos de Saigon
1968	28	Um dia vão me matar
1968	29	A paz está assim
1969	39	Os mortos não contam
1969	44	Ho

Fonte: Elaboração própria

Partimos então para a exploração, na qual o categorizamos o material com os critérios de exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e finalidade e produtividade (BARDIN, 2011). Conforme o elencado por Martínez (2016) quanto às características do Jornalismo Literário, as categorias pré-elaboradas são a) apuração, b) digestão e compreensão do material apurado e c) redação em estilo literário.

Em Jornalismo Literário, entendemos que a categoria apuração avance em relação ao jornalismo dito convencional porque há:

[...] imersão no assunto, sugerindo a necessidade de pesquisa aprofundada, que pode ser realizada em diversas plataformas, de documentos, bancos de dados e acervo pessoal a mecanismo de busca, entre outros. Inclui igualmente o emprego de técnicas jornalísticas, como a entrevista (MARTINEZ, 2016, p. 212).

Entrevista, neste caso, refere-se à entrevista aprofundada, que vai além do cumprimento de uma pauta previamente elaborada.

Da mesma forma, entendemos que a segunda categoria de análise, digestão e compreensão do material apurado, enfatiza: “[...] a compreensão simbólica, ressaltando a importância do material coletado em níveis profundos, como o psicológico, social e histórico, entre outros” (MARTINEZ, 2016, p. 212). Em outras palavras, o perfil profissional não se limita a exercer uma função de mensageiro entre a fonte de informação e quem vai consumi-la. Esta reflexão profunda “permite visualizar conexões e sentidos ainda não percebidos” (MARTINEZ, 2016, p. 212) pelo sistema jornalístico.

Finalmente, a terceira categoria, redação em estilo literário, aborda a estrutura textual que transcende um texto jornalístico puramente noticioso. O que demanda competência autoral na arte da escrita.

Assim, o tema apurado e refletido, expresso com voz autoral – isto é, a visão de mundo preferencialmente ampla que dá forma e sentido únicos ao assunto tratado. Pode, então, ser relatado de forma envolvente, recorrendo-se às inúmeras técnicas da literatura (...). Neste sentido, estilo é apenas uma boa embalagem para um ótimo produto jornalístico, e não uma forma de acobertar deficiências de apuração ou domínio do tema (MARTINEZ, 2016, p. 213).

Tabela 2 – Elementos de Jornalismo Literário nas reportagens

<b>Reportagem</b>	<b>a)</b>	<b>b)</b>	<b>c)</b>
Vietnã	sim	sim	sim
São os bonzos de Saigon	sim	sim	sim
Um dia vão me matar	sim	sim	sim
A paz está assim	sim	sim	sim
Os mortos não contam	sim	sim	sim
Ho	sim	sim	sim

Fonte: Elaboração própria

A seguir, conforme Bardin (2011) e Martinez (2016), faremos tratamento e interpretação dos resultados obtidos.

#### 4. Análise

Oriana Fallaci trabalhava para a *L'Europeo* durante o tempo que cobriu a Guerra do Vietnã. Sua primeira viagem foi em novembro de 1967, com o fotógrafo Gianfranco Moroldo. Ela pediu para ir a Saigon por estar brava com as injustiças históricas e curiosa com os mistérios do poder (DE STEFANO, 2017, l. 1.515-1.516). O reconhecimento do local é feito com ajuda de François Pelou, chefe de departamento da Agência France-Presse com quem ela desenvolveria um relacionamento amoroso posteriormente.

Até o fim da guerra, a jornalista esteve diversas vezes na região – Vietnã do Sul, Vietnã do Norte e Camboja. Segundo De Stefano (2017), ela gostava de ouvir as histórias dos soldados estadunidenses, sempre pedia para ir aos campos de batalha e não se acostumava em ver a morte de perto. Sua experiência rendeu o livro “Nada e assim seja”, no qual ela conta situações como o recebimento de olhares indiscretos de militares por ela ser a única mulher em determinado local e uma tentativa de estupro sofrida nas ruas de Saigon.

As reportagens sobre a Guerra do Vietnã chegam não só ao *L'Europeo* como também à brasileira *Realidade* e à estadunidense *Look*, como descrito em um parágrafo introdutório do texto publicado na edição 24. O assunto foi a manchete principal e capa da revista e fotos da jornalista estamparam a página 131, como pode ser visto a seguir.

Figura 1 – Reportagem de Oriana Fallaci na edição 24 da *Realidade*





Fonte: Reprodução/Acervo Hemeroteca Digital

A leitura das reportagens de Oriana Fallaci sobre a Guerra do Vietnã publicadas na *Realidade* revela que todas contêm os elementos de Jornalismo Literário apontados por Martinez (2016): a) apuração, b) digestão e compreensão do material apurado e c) redação em estilo literário.

Considerando-se primeiramente a apuração, que implica numa pesquisa aprofundada e em técnicas jornalísticas como a entrevista (MARTINEZ, 2016, p. 212). Este elemento de Jornalismo Literário fica claro nas seis reportagens e é corroborado pela descrição que De Stefano (2017) faz sobre o dedicado trabalho de pesquisa da jornalista.

Um exemplo é “Ho”, reportagem feita em 1969 sobre a vida e morte do revolucionário comunista Ho Chi Minh. Apresenta-se como um perfil biográfico do morto que, conforme Martinez (2016, p. 117), possibilita “um tratamento jornalístico aprofundado”. São 18 páginas sobre a vida do vietnamita, por vezes valendo-se de declarações provenientes de entrevistas para encaixar as informações, formando uma cronologia.

Pensemos em qualquer outro líder comunista, vivo ou morto. Há neles, sempre, alguma coisa de arrogante ou perverso, como se fossem inventados para aterrorizar crianças. Stálin, Mao Tsé-tung, o próprio Kruschev, até Fidel posando como simpático e cordial. Ho Chi Minh, ao contrário, conquistava por seu ar de avozinho afetuoso, ao qual se pode puxar a barba sem ir para a ca-

deia. A expressão mais apropriada talvez seja a do oficial americano Bernard Fall, escritor de tantos livros sobre o Vietnã e que lá morreu, vítima de uma mina vietcong: “É malditamente difícil dizer às pessoas para odiar alguém que se parece com um Papai Noel meio morto de fome”. Quando estive no Vietnã do Sul, nunca me aconteceu de ouvir a seu respeito uma frase insultante ou de ódio (FALLACI, 1969b, p. 150).

A estrutura do perfil é uma vertente do Jornalismo Literário que se desenvolveu na revista estadunidense *The New Yorker*, na década de 1920. Trata-se de um “texto que retrata um indivíduo como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona seus valores, suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sombrias, quem sabe” (LIMA, 2009, p. 427).

Há ainda a característica autoral que ficou conhecida como “La Fallaci”, ou seja, a forma provocativa de entrevistar da jornalista. As entrevistas estão reproduzidas no estilo pergunta e resposta na *Realidade*. Na reportagem “Um dia vão me matar”, de 1968, a fonte é o General Nguyen Cao Ky, então vice-presidente do Vietnã do Sul. Ela faz perguntas incisivas, como: “General, talvez o senhor tenha razão, mas acontece que, se lesse aqueles livros, descobriria que, em substância, o senhor diz as mesmas coisas que aqueles que combate. General, por que o senhor combate os comunistas?” (FALLACI, 1968b, p. 79). Já no intertítulo “Ele deve morrer”, da reportagem “Vietnã”, também de 1968, ela é direta com um vietcong condenado à morte: “Sam, gostaria que você me falasse do atentado ao My Canh. Como se sentiu após ter matado aquela gente?” (FALLACI, 1968a, p. 140); em “São os bonzos de Saigon”, a postura se repete numa conversa com a budista Thich Nhu Hué: “Venerável Madre, a senhora é antiamericana?” (FALLACI, 1968b, p. 66).

O segundo elemento da análise, digestão e compreensão do material apurado, remete à “compreensão do material coletado em níveis profundos, como o psicológico, social e histórico” (MARTINEZ, 2016, p. 212). No decorrer dos textos, fica claro que Fallaci reflete sobre as informações que possui, como no encontro com o budista Tam Chau, em “São os bonzos de Saigon”:

Em 40 minutos que conversamos, não consegui perceber nele a menor intenção de paz, nem uma palavra de piedade pelos que morrem. Cada vez que eu procurava esta resposta, ele ria como se lhe fizessem cócegas. Não consegui compreendê-lo. Minhas perguntas deviam parecer-lhes engraçadas. Sobre tudo a última, quando perguntei se estava pronto a queimar-se (FALLACI, 1968b, p. 70).

Fallaci não só entrevista as pessoas, ela fica atenta e mostra o que está acontecendo no local, provocando a imersão de quem lê a reportagem no contexto apurado. No caso do General Nguyen Cao Ky:

Não é cordial. Economiza sorrisos e parece estar sempre envolvido por uma tristeza cheia de preocupação e orgulho ao mesmo tempo. Quando estende a mão – tem mãos bonitas, delicadas como as de uma mulher – parece estar concedendo um presente, e enquanto isso olha para a pessoa de maneira distraída, como se não a enxergasse (FALLACI, 1968c, p. 74).

Outras vezes, o contexto leva para reflexões existenciais, como em “Vietnã”:

Terça-feira de manhã. Chama-se Pip, tem 23 anos, um rosto simpático e sagaz. Carrega um fuzil, uma máquina fotográfica e um bloco de papel com lápis. Pertence ao Serviço de Informações da Quarta Divisão de Infantaria. É ele quem nos levará à colina 1.383. Vamos ao seu encontro sorrindo. Acorramos contentes: é bom viver. Se aprendêssemos a sentir-nos felizes pelo simples fato de viver, chegaríamos até a entender o prazer de se lavar o rosto com um copo de água (FALLACI, 1968a, p. 132).

Por fim, o terceiro elemento, redação em estilo literário, com as técnicas da literatura, como digressão, voz autoral e narrativa envolvente (MARTINEZ, 2016, p. 213). As reportagens de Fallaci contemplam os tópicos, intercalando informações, descrições de cena e diálogos.

Em “Vietnã”, de 1968, Fallaci inclui-se na história, sua marca mundialmente conhecida (DE STEFANO, 2017) à semelhança de outros expoentes do Jornalismo Literários, como Norman Mailer em livros como “A Luta”. Trata-se de uma narrativa que lembra um diário, uma vez que ela marca o tempo iniciando os parágrafos com o dia da semana e o período:

**Segunda-feira à noite.** Neste campo, tenho a sensação de estar encerrada num poço, ou melhor, numa armadilha. Estamos circundados pelas colinas ocupadas pelos norte-vietnamitas. Somente três delas estão em mãos dos americanos. Dia e noite estamos expostos ao fogo vietcong: este buraco a 30 centímetros da nossa tenda foi aberto por um morteiro, na manhã de hoje. Foi lançado da colina 875, que os americanos não conseguem tomar (FALLACI, 1968, p. 132; grifos da autora).

Segundo Lima (2009, p. 368-369), “estilo próprio e a voz autoral são qualidades indispensáveis, maturadas no árduo exercício progressivo de conquista de habilidade narrativa onde a arte está à mercê do conteúdo que a realidade disponibiliza ao autor”. O modo como Fallaci escreve também se deve à possibilidade de imersão. “O autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens. Precisa interagir com eles” (LIMA, 2009, p. 373). De Stefano (2017,

l. 2.002) explica que “ela não apenas escreve sobre as questões. Frequentemente ela se envolve diretamente”<sup>8</sup>. Um exemplo está em “A paz está assim”, de 1968:

Eu fui ver uma ruazinha onde eles foram mortos. Nesta zona, ainda há franco-atiradores, mas ninguém atirou e assim foi possível reconstituir com calma aquilo que agora todos chamam de impiedoso assassinio. A tragédia aconteceu aqui onde agora me encontro. Atrás da barricada de latas vazias há um fedor horrível. Aproximo-me prendendo a respiração e uma negra nuvem de moscas se levanta zumbindo de seis cadáveres que ficaram ali, decompondo-se. São os cadáveres de seis vietcongs, deixados aqui como advertência: assim quer a polícia (FALLACI, 1968b, p. 75).

A humanização também é trabalhada nos textos de Fallaci. De acordo com Lima (2009, p. 359), é preciso tratar o personagem da narrativa com uma “dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações”. A jornalista faz isso em “Os mortos não contam”, de 1969, ao falar sobre Vo Nguyen Giap, o general de Hanói, do Vietnã do Norte, conhecido como um homem cruel. Ela aponta traços que sustentam o apelido de “senhor da guerra”, mas se preocupa em descrevê-lo como um ser humano ao descrever a morte da esposa dele, Minh Tai numa cela com ratos por ser comunista.

Parece que Giap a amou profundamente e parece que sua capacidade de odiar, de se proibir qualquer piedade, de se abandonar a toda crueldade, nasceu justamente com a morte de Minh Tai. Os que os conhecem bem dizem que a causa da transformação de Giap não foi a ideologia comunista, não foi a paixão nacionalista, mas o sonho de vingar Minh Tai (FALLACI, 1969, p. 174).

Com isso, verificamos que Oriana Fallaci produzia Jornalismo Literário, estando inclusive de acordo com a fama da revista *Realidade*, onde seus textos eram publicados no Brasil. Segundo Martinez (2016, p. 38), ao lado do *Jornal da Tarde*, “são sempre citados como os expoentes máximos dessa onda de Jornalismo Literário nos anos 1960”.

## 5. Considerações finais

Esta pesquisa objetivou identificar a existência de elementos de Jornalismo Literário nas reportagens da revista *Realidade* produzidas pela repórter italiana Oriana Fallaci no Vietnã. Com seis reportagens, quatro publicadas em 1968 (“Vietnã”, “São os bonzos de Saigon”, “Um dia vão me matar”, “A paz está assim”) e duas em 1969 (“Os

---

<sup>8</sup> Do original: “She doesn’t simply write about these issues. Often she gets directly involved” (DE STEFANO, 2017, l. 2.002)

mortos não contam” e “Ho”). Empregamos o método da análise de conteúdo de Bardin (2011) para formação e sistematização do corpus, bem como a criação das categorias de análise a partir das três características apontadas por Martinez (2016): a) apuração, b) digestão e compreensão do material apurado e c) redação em estilo literário.

Todas as características estão presentes em todos os textos. O estilo “La Fallaci” (DE STEFANO, 2017) era caracterizado principalmente pelas entrevistas elaboradas e provocativas, mas também eram marcas da jornalista a pesquisa do tema antes de iniciar uma cobertura, assim como a reconhecida voz autoral no texto narrativo. Isso pode ser visto nas seis reportagens, que possuem diálogos, descrições em primeira pessoa, contextualização histórica e humanização de personagens.

De acordo com De Stefano (2017), 467 mulheres foram credenciadas para a cobertura da Guerra do Vietnã – a maioria era estadunidense. Oriana Fallaci foi a única italiana. Os colegas italianos homens a tratavam com respeito, medo até, por conta das histórias sobre sua habilidade e sobre alguns ataques de fúria se algo ou alguém ficasse em seu caminho (DE STEFANO, 2017). Foi pela cobertura no Vietnã que ela ganhou notoriedade e, a partir dali, começou a ter acesso a grandes figuras da política.

Assim, refletimos sobre o motivo de Oriana Fallaci não ser um nome conhecido no jornalismo brasileiro – conforme verificado na pesquisa no Google Acadêmico e no Portal Capes –, sendo que fizemos o levantamento de 29 textos seus na *Realidade*. A jornalista produziu seis só na cobertura da Guerra do Vietnã; José Hamilton Ribeiro, conhecido como “o repórter do século”, publicou dois pela cobertura da mesma guerra.

Concluimos esta pesquisa cientes da necessidade de explorar ainda mais a produção de Oriana Fallaci como uma correspondente de guerra e conflitos que se apoia nos elementos de Jornalismo Literário para narrar suas histórias.

## Referências

- BAK, J. S. Introduction to the ReportAGES Series. In: GRIFFITHS, A.; PRIETO, S.; ZEHLE, S. (Eds.). **Literary Journalism and World War I**. 1. ed. Nancy: PUN/Éditions Universitaires de Lorraine, 2016.
- BAK, J. S. Rumo a uma definição de jornalismo literário internacional. **Brazilian Journalism Research**, v. 13, n. 3, p. 230–255, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

- CAMARGO, B. E.; MARTINEZ, M. Cobertura de Guerra e Estudos de Gênero: uma análise de conteúdo em A Private War. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 8, n. 2, p. 1–22, 2019.
- COOK, B. A. (ED.). **Women and war: a historical encyclopedia from antiquity to the present**. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2006.
- DAVID, H. E. **Guerra e narrativa: um estudo dos relatos jornalísticos de Martha Gellhorn**. [s.l.] Universidade de Brasília, 2014.
- DE STEFANO, C. **Oriana Fallaci: the journalist, the agitator, the legend**. New York: Other Press, 2017.
- FALLACI, O. Vietnã. **Realidade**, p. 131–140, mar. 1968a.
- FALLACI, O. São os bonzos de Saigon. **Realidade**, p. 64–72, abr. 1968b.
- FALLACI, O. Um dia vão me matar. **Realidade**, p. 74–86, jul. 1968c.
- FALLACI, O. A paz está assim. **Realidade**, p. 72–88, ago. 1968d.
- FALLACI, O. Os mortos não contam. **Realidade**, p. 172–183, jun. 1969a.
- FALLACI, O. Ho. **Realidade**, p. 148–166, nov. 1969b.
- GARNER, D. The Life of Oriana Fallaci, Guerrilla Journalist. **The New York Times**, 16 out. 2017.
- HEMEROTECA. **Realidade (SP): 1966 a 1976**. Disponível em:  
<[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213659&pesq=%22guerra do vietna%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213659&pesq=%22guerra%20do%20vietna%22)>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- KNIGHTLEY, P. **A primeira vítima: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Crimeia ao Vietnã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 5. ed. Barueri: Manole, 2009.
- LOMBARDI, K. H. Lee Miller, uma fotojornalista na linha de frente: reflexões sobre a atuação da mulher na cobertura de guerra. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 492–516, 2018.
- MARTINEZ, M. **Jornalismo Literário: tradição e inovação**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2016.
- MARTINEZ, M. Women and Literary War Journalism in Brazil : From Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt to Patrícia Campos Mello. In: WIKTOROWSKA, A.; PÉREZ, M. N.; PASSOS, M. Y. (Eds.). . **Literary Journalism and Latin American Wars: Revolutions, Retributions, Resignations**. 1. ed. Nancy: Presses Universitaires de Nancy – Éditions Universitaires de Lorraine, 2020. p. 17–34.
- MEIRELLES, M. Os cem anos de ‘Em busca do tempo perdido’. **O Globo**, 8 nov. 2013.
- NUNES, L. Morre a polêmica jornalista e escritora italiana. **Observatório da Imprensa**, 19 set. 2006.
- OYAMA, T. **A Arte de entrevistar bem**. São Paulo: Contexto, 2012.
- POPHAM, P. A Life in Focus: Oriana Fallaci, Italian journalist who interviewed Khomeini, Castro and Indira Gandhi. **The Independent**, 22 fev. 2019.
- QUIERATI, L. **Dorrit Harazim e o ofício de contar histórias: a prática do jornalismo narrativo e o processo de representação**. [s.l.] Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 2016.
- SCHELP, D. Os jornalistas e as guerras. In: LIOHN, A.; SCHELP, D. (Eds.). . **Correspondente de guerra: os perigos da profissão que se tornou alvo de terroristas e exércitos**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 17–112.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Ed.). . **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 440.